

EDITORIAL

O FARMACÊUTICO ESTÁ MORRENDO?

IS THE PHARMACIST DYING?



Cléber Domingos Cunha da Silva¹ 



¹ Doutor em Educação e mestre em Saúde Pública.



Universidade Federal do Ceará (UFC).



cleber_d@yahoo.com.

Como citar este artigo:

SILVA, Cléber Domingos Cunha da. O farmacêutico está morrendo? **Medicinae Plantae**, Fortaleza, v. 3, e96573, 2026. DOI: <https://doi.org/10.36517/mp.v3i.96573>.



ACESSO ABERTO

Licença: Este é um artigo em acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte originais sejam creditados. 

Conflito de interesses: O autor declara que não há conflito de interesses.

Financiamento: Não há.

Declaração de Disponibilidade dos dados: Todos os dados relevantes estão disponíveis neste artigo.

ODS: 8 – Trabalho decente e crescimento econômico.

Recebido em: 26/02/2026

Aceito em: 02/03/2026.

Publicado em: 11/03/2026.

CRedit - Contribuições dos autores:

Concepção, Análise Formal, Escrita e Revisão:
Cléber Domingos Cunha da Silva.



Check for updates

Da terra o Senhor criou os remédios, o homem sensato não os depreza [...] o farmacêutico fez com eles misturas. E assim suas obras não têm fim, e por ele o bem-estar se difunde sobre a terra (Eclesiástico 38:4-7).

A Farmácia como campo disciplinar foi estabelecida no século XIII¹ e, ao longo dos séculos, sofreu importantes mudanças, e todas, em sua maioria, advindas ou impostas pelo Estado e pelo sistema econômico. O farmacêutico foi considerado um profissional de saúde no século XVII, e assim como os demais profissionais de saúde, em meio a tantas mudanças, uma delas me parece muito significativa: ele se transmutou em um agente do mercado.

A condição privilegiada de ser um agente de saúde se embaralha com a de ser uma mão-de-obra requisitada pelo mercado. O acesso às faculdades de Farmácia, usinas produtoras dessa mão-de-obra, encontra-se no Brasil em elevada ascensão, aumentando as expectativas de oportunidade de emprego. Tornar o graduado em Farmácia empregável, converteu-se no principal objetivo dessas faculdades. Todavia, os mecanismos pelos quais se consolida o vínculo do recém-graduado ao mercado são complexos. Não temos ainda no Brasil pesquisas robustas acerca das percepções e interpretações das empresas recrutadoras desta mão-de-obra sobre as credenciais educacionais dos candidatos.

Em novembro de 2025, a Federação Brasileira das Redes Associativistas e Independentes de Farmácia (FEBRAFAR) e o Instituto Febrifar de Pesquisa e Educação Corporativa (IFEPEC) disponibilizaram um relatório de uma pesquisa por eles conduzida, envolvendo mais de 2.200 proprietários de farmácias², 80 médicos, 40 representantes/propagandistas do setor farmacêutico, 12 executivos das indústrias de medicamentos e produtos de higiene e beleza, seis proprietários ou executivos de distribuidoras nacionais e regionais e 1.000 consumidores (IFEPEC, 2025). Acreditem: nenhum profissional farmacêutico foi mencionado como um agente entrevistado acerca de suas expectativas para o mercado farmacêutico no Brasil.

Quem se disponibilizar a ler o relatório deparar-se-á com diversos conceitos oriundos do setor, dos quais destaco que *venda*, *consumo* e *lucro* são os aspectos fundamentais da pesquisa publicizada. Segundo os autores,

¹ POWELL, J. M. **The Liber Augustalis**. Nova York: Syracuse University Press, 1971. Disponível em: <https://archive.org/details/powell-liber-augustalis>. Acesso em: 2 fev. 2026.

² Não vinculados à ABRAFARMA (Associação Brasileira de Redes de Farmácias e Drogarias).

os médicos reconhecem a indústria farmacêutica como uma fonte importante de informação sobre novos medicamentos e avanços terapêuticos, especialmente através de representantes e eventos científicos. No entanto, na opinião da maioria [dos médicos entrevistados], as visitas dos representantes têm se tornado cada vez menos importantes, à medida que as informações estão disponíveis na internet e nas plataformas de IA” (IFEPEC, 2025, p. 9).

Para os pesquisadores do IFEPEC, no que diz respeito ao papel dos representantes comerciais de medicamentos, “O futuro aponta para a substituição de visitas de rotina por canais digitais e Inteligência Artificial (IA), reservando a interação humana apenas para lançamentos e parcerias estratégicas” (IFEPEC, 2025, p. 14), em outras palavras: “O propagandista, em sua forma tradicional, está em processo de extinção. Para sobreviver, a função deve evoluir de propagandista (divulgador) para consultor estratégico” (IFEPEC, 2025, p. 16). No que diz respeito ao emprego da Inteligência Artificial (IA), os representantes da Indústria afirmaram que: “A indústria, percebendo a urgência, já está testando todas as possíveis formas de uso da IA para aprimorar sua relação com médicos, varejistas e clientes finais. Contudo, o desafio se estende para a ponta do consumo.” (IFEPEC, 2025, p. 20). Tais falas ressoam naquelas dos distribuidores comerciais e nas dos consumidores, quando dizem:

A digitalização é inevitável e a Inteligência Artificial (IA) emerge como o principal motor de racionalização e otimização do relacionamento com o cliente final. Distribuidores devem investir urgentemente em tecnologias digitais e IA para otimizar processos, logística e comunicação, evitando o “descompasso tecnológico” que torna as empresas vulneráveis. A integração em novos ecossistemas digitais é uma condição para a permanência no mercado (IFEPEC, 2025, p. 30).

A modalidade não presencial será a nova forma de obtenção da mercadoria: *medicamento*. Nas palavras dos autores, os serviços historicamente ligados ao balcão da drogaria física são ofertados agora pelo uso do WhatsApp, “Tudo indica que o cliente do varejo farmacêutico será multicanal e que sua satisfação dependerá da ausência de atrito, para isso os processos precisam fluir rapidamente, de forma personalizada e relacional” (IFEPEC, 2025, p. 40).

No supracitado relatório, o farmacêutico aparece como um profissional que precisa receber informações e incentivos, já que se encontra na ponta do consumo. Ele trabalha em uma loja. A Lei 13.021 de 8 de agosto de 2014, considere a drogaria como farmácia sem manipulação e diz em seu artigo 3º que:

... a farmácia é uma unidade de prestação de serviços destinada a prestar assistência farmacêutica, assistência à saúde e orientação sanitária individual e coletiva, na qual se processe a manipulação e/ou dispensação de medicamentos magistrais, oficinais, farmacopeicos ou industrializados, cosméticos, insumos farmacêuticos, produtos farmacêuticos e correlatos (BRASIL, 2014).

Mas o mercado está dizendo uma outra coisa. Em Fortaleza, por exemplo, existem atualmente centenas de drogarias, e para que elas possam realizar suas atividades de comercialização é necessário que tenham como responsável técnico um profissional farmacêutico. Em setembro de 2025, o portal SEBRAE noticiou que no Brasil existem mais de 124 mil drogarias³. A Associação Brasileira de Redes de Farmácias e Drogarias (ABRAFARMA), em junho de 2025, informava que havia 93.404 farmácias ativas no país. Pois bem, em todo o caso, são estabelecimentos que para funcionarem precisam deste profissional. Mas tais estabelecimentos não são os únicos que podem ser dirigidos por farmacêuticos. As farmácias, estabelecimentos onde medicamentos são manualmente preparados, são igualmente estabelecimentos coordenados por farmacêuticos, assim como laboratórios de análises clínicas e toxicológicas e indústrias farmacêuticas.

Historicamente, para atender a demanda pela disponibilidade desses profissionais, de uma ‘mão-de-obra’ qualificada para a realização das ações do farmacêutico, foi preciso a criação de faculdades de Farmácia. Segundo dados do Ministério da Educação (MEC)⁴, no Brasil temos aproximadamente 898 (oitocentos e noventa e oito) cursos de Farmácia em atividade. Não temos dificuldades em concluir que o quantitativo de profissionais farmacêuticos disponibilizados para o mercado, num intervalo de cinco anos, é suficiente para ocupar o número dos estabelecimentos que mencionamos anteriormente. A lógica, portanto, da graduação em Farmácia é a lógica do desperdício. Dito de outro modo, o mercado saturado por um produto, o revestirá com baixo valor monetário. A expectativa é de que tal mão-de-obra seja pouco remunerada. Bem, não precisamos ser especializados em economia para realizar tais considerações.

Historicamente, este personagem milenar, tornou-se um profissional remunerado financeiramente para realizar atribuições a ele impostas pelo Estado e pelo mercado. Supervisionado por instituições de vigilância e de controle, nos dias atuais, ainda, prolifera-se, mas está sendo consumido. Passado séculos, ele também se converteu em uma mercadoria. O farmacêutico tornou-se súdito do mercado, emudecido, condenado a vender, atingir metas

³ GOMES, A. L. **Setor das farmácias, majoritariamente de pequenos negócios, espera faturar mais de R\$ 200 bilhões em 2025**. Portal SEBRAE. 04/09/2025. Disponível em: <https://agenciasebrae.com.br/economia-e-politica/setor-das-farmacias-majoritariamente-de-pequenos-negocios-espera-faturar-mais-de-r-200-bilhoes-em-2025-2/>, Acesso em: 02 Fev. 2026

⁴ Consulta realizada junto ao Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior (Cadastro e-MEC), disponível em: <https://emec.mec.gov.br/emec/nova>, acesso em; 02 jul. 2026.

comerciais, confinado a trabalhos administrativos, pronto a ser substituído por um humanoide dotado de Inteligência Artificial.

A questão é compreendermos o que está tornando possível o desaparecimento deste profissional. Aparentemente isto parece paradoxal, já que se proliferam cursos de formação desta mão-de-obra. Todavia, a disponibilização quantitativa de um profissional não configura a sua permanência. A produção em massa exige um consumo em massa. No sistema socioeconômico vigente, o consumismo produz e molda modos de existir de acordo com sua lógica e necessidades. Se no industrialismo, o farmacêutico era empregado por sua participação direta dos processos de produção, com a automação, a ênfase na empregabilidade foi deslocada e transferida para o consumo e o descarte. Atualmente o mais importante é a produção de consumidores. Numa cultura global, onde ser consumidor é o que, em última análise, define o sujeito, exercer a profissão farmacêutica é promover a sociedade do consumo (XAVIER, 2016).

Ora, uma das facetas da sociedade do consumo é a colonização de subjetividades. Nesse sentido, o farmacêutico se transformou em mercadoria. Como trabalhador, ele não tem mais estabelecido relação concreta com o que o constitui: o medicamento (*phámakon*) e a farmácia (*pharmakeia*). A farmácia, agora, denominada de loja, é espaço de produção de consumidores. Ali quase tudo se vende, inclusive, medicamentos. O que observamos é uma colonização implacável das forças constitutivas desse profissional pelo *ethos* capitalista, seja nas faculdades, seja no ambiente de trabalho (LIODAKIS, 2010).

A maioria das atribuições anteriormente delegadas a esses profissionais já se encontra em transformação pela IA e pela automação. A dispensação manual e o atendimento clínico já foram absorvidos por tecnologias, com maior velocidade e precisão. Ele está morrendo. Com máquinas dispensando medicamentos e IA analisando interações medicamentosas complexas, Jeff Erbert respondeu a indagação: “os farmacêuticos serão substituídos?” A sua resposta curta foi: não, em um futuro próximo.

Para Jeff Erbet:

A tecnologia de automação farmacêutica certamente revolucionará as operações de farmácia hospitalar, aumentando a eficiência, a precisão e a segurança. No entanto, também é evidente que o papel do farmacêutico continuará sendo indispensável. A automação aliviará a carga de tarefas repetitivas, permitindo que os farmacêuticos se concentrem em funções críticas, como a tomada de decisões clínicas, a interação com o paciente, a atualização pessoal (e da equipe) sobre os medicamentos mais recentes e a colaboração interdepartamental. À medida que os hospitais adotam tecnologias avançadas, os farmacêuticos se adaptarão a esses fluxos de trabalho em constante evolução, utilizando sua expertise para garantir os melhores resultados para os pacientes e manter altos padrões de atendimento. Portanto, os farmacêuticos se tornarão ainda mais essenciais para o sistema de saúde, à medida que suas funções se expandem e se adaptam para atender às

demandas da crescente complexidade dos tratamentos e da administração de medicamentos (Erbert, 2025; tradução nossa).

Ora, o cenário que Jeff Erbert contempla é o do hospital. Onde, a interação direta com o paciente e a empatia são essenciais para a tomada de decisões complexas, e que ainda lhes restam como expressões de suas habilidades. Porém, para Muthukumar, a IA pode ajudar a melhorar as expressões de empatia na área da saúde. Em sua pesquisa este pesquisador desenvolveu uma ferramenta para avaliar a empatia. Após a elaboração de um conjunto de nove perguntas, avaliando a compaixão em diversas situações, incluindo a transmissão de notícias difíceis e o alívio da frustração, com base na literatura da psicologia, ele comparou as respostas geradas pelo ChatGPT e pelo Claude com as respostas de profissionais de saúde. A conclusão do autor é:

Esta pesquisa preliminar indica que as respostas geradas por IA são consideradas mais compassivas do que as respostas humanas, sendo a extensão da resposta um fator preditivo para as avaliações de compaixão. A fadiga e o esgotamento profissional enfrentados por profissionais da saúde podem impedi-los de produzir respostas longas e completas. Com médicos trabalhando com IA para elaborar respostas a perguntas de pacientes, a sinergia entre humanos e máquinas pode aliviar os crescentes níveis de esgotamento profissional entre os médicos. A IA pode compor respostas completas sem as desvantagens da fadiga cognitiva ou da fadiga da compaixão, inerentes aos humanos. Os sistemas de saúde podem integrar chatbots de IA ao fluxo de trabalho, impulsionando o campo por meio de pesquisas em engenharia de respostas rápidas e psicologia da IA. Modelos de cuidado compassivo podem contribuir para uma transformação na área da saúde (Muthukumar, 2025, p. 11; tradução nossa).

Ou seja, aquelas dimensões enaltecidas por Jeff Erbert, também se encontram com os dias contados. A situação ainda é mais agravante quando lançamos o olhar para as drogarias ou lojas (segundo o jargão da ABRAFARMA e da FEBRAFAR). No balcão da loja, o farmacêutico é coagido a vender. Ele encontra-se na interface direta entre o consumidor e o artefato de consumo. Não há mais espaço (Há pouco espaço) ou oportunidade para o exercício da crítica e da empatia. Com a substituição do balcão pelo WhatsApp ou por outros canais digitais, a expectativa é trágica. O farmacêutico está morrendo, suas obras estão acabando?

Referências

BRASIL. Lei nº 13.021, de 8 de agosto de 2014. Dispõe sobre o exercício e a fiscalização das atividades farmacêuticas. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 11 ago. 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113021.htm. Acesso em: 31 jan. 2026.

ERBET, J. **Future Pharmacy Snapshot: Why Pharmacists Won't Be Replaced by Automation**. Swisslog Healthcare, USA, May, 2025. Disponível em: <https://www.swisslog-healthcare.com/en-us/company/new-blog-overview-page/future-pharmacy-snapshot-why-pharmacists-wont-be-replaced>. Acesso em: 31 jan. 2026.

IFEPEC/FEBRAFAR. **Visão 360° do mercado farmacêutico no Brasil**: Um mapeamento das expectativas através dos seus principais agentes. São Paulo: Febrafar: 2025. Disponível em: <https://febrafar.com.br/wp-content/uploads/2025/11/Visao-360o-do-mercado-farmaceutico-no-Brasil.pdf>. Acesso em: 31 Jan. 2026.

LIODAKIS, G. **Totalitarian capitalism and beyond**. Surrey, UK: Ashgate, 2010.

MUTHUKUMAR, K. Empathy AI in healthcare. **Frontiers in Psychology**, v. 16, p. 1680552, 2025. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2025.1680552>.

XAVIER, M. Subjectivity under consumerism: the totalization of the subject as a commodity. **Psicologia & Sociedade**, v. 28, n. 2, p. 207–216, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-03102016v28n2p207>.